

Impacto Macbeth I e II

1990

Por Marco Túlio Costa

Impacto Macbeth I

E o público (estarecido) não se levantou no final de *Macbeth Mauser*, em cartaz na Nepomuceno. Permaneceu sentado, tentando digerir a carga de emoção que por pouco mais de uma hora provocou todas as reações. É *Macbeth Mauser*. Desde a entrada, já se sente que estamos diante de algo sobrenatural. Em seguida, espíritos vagam entre as mentes da plateia envolta numa nuvem de fumaça, saindo das velas fúnebres. O design é pós-moderno. O cenário opressor – sem saída. E os atores interpretam um poema que parte das entranhas. Num exercício doloroso, que causa arrepios à plateia atônita, desacostumada a ver o novo. Perigo, medo e o público estático, diante do inesperado. A música dá o clima. E começa o espetáculo: como viver sob o estigma da morte? As forças ocultas impulsionam o homem ávido pelo poder a cometer o crime. O homem mata para sobreviver – bichos. O homem mata pelo poder – homens. Assim se dá *Macbeth*. Mas como permanecer claro, quando a escuridão atormenta a mente? Como viver carregando a culpa? Os obstáculos são muitos e a Feiticeira se ocupa em aumentá-los. Quanto mais etapas são vencidas, mais pedras ele é obrigado a retirar do caminho doloroso.

Impacto Macbeth II

O exercício teatral tira dos atores o máximo de emoção. É angustiante assistir à angústia dos personagens se debatendo contra aquelas paredes frias e oxidadas. Uma mesa, três cadeiras desconfortáveis, como num exercício de arquitetos pós-modernos, e velas — muitas delas — fazem o cenário, além de folhas secas. Os trajes são quentes, pesados, inverniais. A Feiticeira se move sem pronunciar uma sílaba. O texto fica por conta de Macbeth e sua Lady. No início, a anunciação — a profecia (“serás rei, a qualquer custo”). Em seguida, a negação, mas a Lady, como uma espécie de Eva dark, o conduz. E o sangue, o rompimento, significando a derrubada de todas as ligações com o real. Até a coroação de um novo rei, triunfal. Depois, a culpa, que faz com que os personagens se consumam no fogo das velas, da busca de uma saída, naquele palco sem saídas. Até que as forças acabam e o rei se rende diante da morte. A tormenta o impede de ser mais uma vez vencedor. Um clima tenebroso se instalando do começo ao fim, num ambiente esfumaçado, cheio de música. Os espectadores mudos; sem forças (como quem participou de um exorcismo) não encontram força para aplaudir.

Publicado no *Jornal de Brasília*, 22 de agosto de 1990.